

MAGALHÃES LIMA

O Centenario de José Estevão

HOMENAGEM

DA

Maçonaria Portuguesa.

LISBOA

Composto e impresso na Typ. La Bécarre, de F. Carneiro & C.^a

47, Rua Nova do Almada, 49

1910

Aos

Maçons Portuguezes

Meus companheiros e meus Irmãos

Lisboa, 26 de Dezembro de 1909.

Magalhães Lima

SENHORAS E SENHORES:

A vossa manifestação toca profundamente o meu ser, faz vibrar a minha alma, não porque me lisonjeie o applauso do publico, o applauso da galeria, que é tudo quanto ha de mais ephemero como ephemera é a espuma do mar que o vento leva (os persas adoravam o sol, quando estava no seu zenith e apedrejavam-no, quando desaparecia no horisonte; as folhas do loureiro são narcoticas, entorpecem e provocam o somno, e os idolos só são idolos, ai d'elles! enquanto se lhes não vêem os pés de barro!) mas porque reconheço quanto ha de sincero, de espontaneo, de effusivo e de tocante na vossa homenagem.

Aveiro, pátria de José Estevão

Bem se póde dizer, senhoras e senhores, que fomos criados e embalados no mesmo berço; que respirámos, juntos, o mesmo ar sadio da liberdade que nos trouxe a brisa do mar; que partilhámos das mesmas alegrias; que pranteámos nos mesmos pesares e que bebemos pela taça da mesma amisade effusiva. Em Aveiro, tenho a minha familia natural e a minha familia espiritual—que sois todos vós! Perante a minha razão, ambas são igualmente legitimas. Fomos companheiros e somos irmãos. Por isso podeis bem imaginar, podeis bem aquilatar, com que intimo alvoroço, com que profundo recolhimento, venho hoje aqui, n'este dia solemnissimo (*sursum corda!*) em que o corpo se me curva, ao mesmo tempo pelos annos e pela commoção, semelhantemente a uma arvore amada, tronco bemdito, tronco sagrado! que afagámos em criança e que vimos crescer; sim, repito, podeis bem imaginar e aquilatar com que entranhada devoção, venho hoje aqui^[6] recordar antigos camaradas queridos que caíram na estacada, ao sôpro de ventos inclementes, porventura impiedosos. E entre outros, apraz-me citar Mendes Leite, Bento e Bernardo Magalhães, Agostinho Pinheiro, Francisco Rezende, Manuel Firmino de Almeida e Maia, Almeida Vilhena, Julio Pereira de Carvalho e Costa, Manuel de Mello Freitas, Chrispiniano da Fonseca, Manuel Gonçalves de Figueiredo, e tantos outros que alentaram a minha mocidade e foram para mim como que arco-iris luminosos na primavera da vida.

Não procuro inquirir das suas ideias politicas, nem isso importa, n'um momento em que todos os aveirenses, ousarei mesmo dizer, em que todos os portuguezes estão ligados, unidos, estreitados e vinculados pelo mesmo pensamento, pelo mesmo sentimento e pela mesma vontade. A hora é para a conciliação: não é para a repulsão. A hora é para o amor e para a concordia: não é para o odio e para a vindicta. É uma hora de jubileu nacional que não comporta nem sectarismos nem exclusivismos.

Um mixto de melancholia pungente e de alegria intensa me domina e avassala: de tristeza pelos que desapareceram, sombras queridas atraz das quaes corremos em vão, numa ancia febril, quasi infantil; de alegria, pelos que, escapados ao naufragio, eu vim hoje aqui celebrar, glorificar e acclamar, com o desvanecimento com que os antigos romanos exclamavam, orgulhosos: *civis romanus sum*, sou cidadão romano; com o

orgulho com que Miguel Angelo bradava nos ultimos annos da sua vida: *Anch'io sono pittore*, ainda sou pintor. Com esse mesmo desvanecimento poderei exclamar: *sou cidadão aveirense*. Com esse mesmo orgulho, o orgulho de Pericles, depois da segunda derrota do Peleponeso, poderei bradar: *eu de mim sou o que era e estou onde sempre estive!*

Como poderia occultar, com effeito, o enternecimento que me enche o coração, n'uma onda de amor, n'uma emoção intraduzivel, ao encontrar-me de novo n'esta pittoresca cidade de Aveiro, onde, através um delicioso kaleidoscopio, entrevejo, em doce visão, o cysne do Vouga, na sua alvura immaculada, como o cysne do *Lohengrin*; em Aveiro, a minha patria adoptiva, *terra mater*, onde jazem os restos mortaes de uma mãe adorada; onde deixei o exemplo suggestivo de um pae honrado e forte; onde tenho um irmão, exemplar raro de elevação moral e intellectual; onde recebi, pela primeira vez, a palavra de ordem, para os rudes combates da existencia; onde, semelhantemente ao peregrino, ao romeiro que, depois de ter percorrido longinquas paragens, regressa ao lar, não para topar com a desillusão^[7] cruel, como o Frei Luiz de Sousa, mas como o Fausto da lenda, para reviver na sua Margarida fiel, isto é, no coração fiel—venho encontrar alguns d'aquelles que tanto amei, como eu, pendidos para o crepusculo. Como poderia occultar-vos o immenso jubilo de que estou possuido, ao vêr n'esta sala alguns dos legitimos representantes dos que, pela liberdade viveram e por ella soffreram e se sacrificaram, legando-nos o difficil mas grato encargo, não só de a conservar e de a defender, de a mantêr integra, como a bandeira de um regimento, senão tambem o de accrescentar novas victorias ás antigas victorias, aos antigos triumphos novos triumphos. N'esta religião, toda de piedade, de amor, de carinho, tenho educado o meu espirito e n'ella espero morrer.

A amizade é um beneficio dos deuses, diziam os gregos. Emilio Castelar, a quem eu devi uma das raras consagrações da minha vida, depois de umas ligeiras escaramuças que tivemos na imprensa hespanhola, e que arrefeceram um tanto as nossas relações pessoaes, aproveitando uma das visitas da princeza Ratazzi a Lisboa, escreveu-me uma longa carta, na qual, entre outras coisas, me dizia o seguinte: «As luctas da politica, meu querido amigo, por mais gloriosas e brilhantes, não valem uma boa affeição que inunda os nossos corações de uma luz radiosa, divina, a unica capaz de espancar as trevas da discordia.»

Quando se chega á minha idade—já Lamartine o constatava—vive-se muito de recordações. Recordar, n'este caso, é resuscitar; é evocar a ala dos namorados que nos tempos heroicos de mosqueteiro se batiam, quando não morriam, pela sua dama idolatrada. E a dama, para mim, foi sempre e é ainda a Ideia, a boa, a grande, a generosa Ideia; a origem de todos os commettimentos, de todas as audacias, de todos os heroismos; a Ideia, doce noiva espiritual, que não atraicôa como os homens, que consola e faz viver; a Ideia, estrella, guia, pharol, que nos conduz á Terra da Promissão; a Ideia, mais poderosa do que os grandes potentados da terra, mais forte do que todos os exercitos do mundo, a Ideia em marcha não é outra coisa senão a propria humanidade descrevendo, através a historia e os seculos, a sua trajectoria luminosa, do mesmo modo que os astros nos espaços obedecem á lei da gravitação universal.

Athenas, com os seus monumentos—exclamava Castelar—Roma com as suas leis; Florença com as suas artes da Renascença; Veneza com a sua bussola; Pisa com a sua lei do pendulo; Strasburgo com a imprensa; o telephone,—acrescentarei—o telegrapho sem fios, o^[8] automobilismo, o balão dirigivel, o aeroplano—que representa tudo isso senão

a Ideia illuminando o mundo, como a colossal estatua da Liberdade que se encontra á entrada do porto de Nova-York?

Nada mais consolador e fortificante do que recordar nomes queridos e saudosissimos e relembrar sitios, onde, na despreocupaçãõ dos annos, na suavidade bucolica de Virgilio, vivi as minhas primeiras illusões, povoadas pelas abelhas do Himeto, como o philosopho que da sua torre de marfim vê o mundo cõr de rosa, através uma atmospha diaphana e transparente.

A supremacia moral

Felizes os que, longe do embate, do choque das paixões brutaes e grosseiras, das ambições illegitimas e inconfessaveis, dos odios implacaveis, podem manter uma juventude espiritual, a eterna juventude, divinizada por Petrarcha, amando a Vida e o Universo, na triplice manifestação de belleza, de verdade e de justiça.

É essa mocidade espiritual, ou, antes, essa força moral que caracteriza o sabio, o philosopho, o poeta, o artista, emfim todos os privilegiados do espirito e do coração.

E foi seguramente essa mocidade espiritual, essa grande e poderosa força moral que, mais do que nenhuma outra, caracterizou esse homem raro, unico, excepcional, que viemos hoje aqui celebrar n'um frémto unisono dos nossos corações, na suprema vibração das nossas almas; a palavra feita luz, o verbo feito marmore, mais poderoso do que os thronos dos Cesares, do que as tíaras dos pontifices—José Estevão Coelho de Magalhães—personalidade de granito; cidadão feito para a antiga Roma que não para o Baixo Imperio de uma sociedade corrupta; o ideal da liberdade, do amor, da justiça, da emancipação humana, na sua maior elevação moral e civica, o ideal da patria, d'esse patriotismo que teve o seu echo triumphal no hymno da *Maria da Fonte*, como os revolucionarios de 89 o tiveram na sua immortal *Marselheza*.

Superior á força das bayonetas dos Hapsburgos, na Austria, de Eduardo III, em Inglaterra, de Carlos V e Filippe II, em Hespanha, de Luiz XIV e Napoleão I, em França, não cessarei de o repetir—está a acção moral do individuo que foi, é e será sempre o segredo da civilisação. O homem não foi feito para um eterno martyrio e para repellar eternos attentados. Ha uma coisa superior a todas as luctas violentas: o dever reciproco. O methodo da civilisação não se conquista,^[9] porém, com a mesma facilidade com que se conquista uma praça forte.

As procellas, as trombas, os cyclones—dizia o inclito Ruy Barbosa, n'um dos seus discursos gravados em bronze—devastam mas não duram. O que não passa é o oceano de verdades eternas, indifferentes ao rugir das paixões contemporaneas, e por sobre elle a immensidade siderea das almas, que és tu, ó liberdade!

As demagogias são cataclysmos passageiros. Quasi todas as revoluções de vertigem popular naufragaram na dictadura. Só são definitivas as revoluções do direito e pelo direito: a que descaptivou a Hollanda, no seculo XVI; a que renovou a Inglaterra, no seculo XVII; a que organisou as colonias anglo-americanas, no seculo XVIII, e a que fizeram, no seculo XIX, a America latina, a Belgica, a Italia e a Grecia.

Ao contrario de Carlyle, que via na historia a obra pessoal e quasi exclusiva de alguns que elle denominou heroes ou grandes homens, Michelet, o seductor Michelet, via na historia a obra das multidões, a obra do povo, o protagonista de todas as revoluções.

Qual das duas theorias, qual dos dois criterios philosophicos será o verdadeiro?

Eu creio que ambos, porque, assim como a acção completa o pensamento, assim tambem a Revolução completa a evolução.

Foi certamente Camillo Desmoulins, quem, no Palais Royal, n'uma noite, ao mesmo tempo tragica e festiva, interpretando o sentimento francez, e, mais do que o sentimento francez, o sentimento humano, soltou o grito libertador—*Á Bastilha!* Mas foi a população do bairro de Santo Antonio, composta de esfarrapados, de famintos, de andrajosos, de *sans culottes*, da canalha, na linguagem da Ordem, quem a assaltou e a derrubou. Quero referir-me á Bastilha franceza, do seculo XVIII, porque, depois d'isso, quantas Bastilhas se ergueram e quantas estão ainda de pé, para vergonha da civilisação e da humanidade!

Foi, sem duvida, Emilio Zola quem, no processo Dreyfus, interpretando ainda o sentimento humano, soltou aquell'outro não menos formidavel brado: *Accuso!* Mas foi a opinião mundial, foi a consciencia collectiva, quem lhe deu a victoria, assim como foi a opinião mundial, a consciencia collectiva, quem denunciou o assassinio judiciario de Francisco Ferrer. Não foram os Pyreneus que separaram momentaneamente a Hespanha da Europa; não foi o Oceano que a separou da America: foi o carrasco, com as mãos retintas de sangue, quem a isolou do mundo civilisado.^[10]

Foi Leão Tolstoi quem proclamou a recusa ao serviço militar, como meio de acabar com as guerras que ensangentam a humanidade. Mas foram as massas populares, foram os intellectuaes, que julgam sempre em ultima instancia, tribunal acima do qual não ha, não póde haver, outro tribunal, quem lhe assegurou o triumpho moral.

Isto quer dizer, que a iniciativa individual só é fecunda, quando coroada pelo esforço collectivo. Entregue e abandonada a si, raramente consegue vencer.

Os homens só são grandes e só poderão chamar-se heroes, quando vivem para os seus semelhantes, quando os seus corações pulsam e vibram com o coração do povo, n'um mesmo ideal e n'uma mesma aspiração!

Os heroes

Serão, porém, admissiveis os heroes?

O proprio tribuno, no seu famoso discurso da *Charles et George*, illuminado pelo mais ardente patriotismo, repudia-os com aversão. *Detesto os heroes todos. Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza*—dizia elle.

Aqui revela-se o precursor do pacifismo, isto é, da justiça integral e da paz universal, que hoje preocupa e absorve todos os grandes pensadores do Universo. Porque José

Estevão foi, principalmente, um illuminado, um vidente, um precursor, como tentarei provar na sequencia do meu discurso.

José Estevão repudiava certamente os heroes que se assignalam nos campos da batalha, devastando como cyclones, matando como assassinos, roubando como ladrões, os heroes, synonymos de guerra e de conquista.

A guerra! Ironia pungente, sarcasmo cruel da civilisação!

Uma pobre mulher do povo amamenta o filho com o sacrificio do proprio sangue; instrue-o e educa-o com o sacrificio do proprio estomago; e, quando a creança se torna um homem, um operario, um trabalhador, de modo a poder amparal-a n'uma velhice repousada, vem a ordem soberana em nome da lei, e manda-o para os campos de batalha, como se mandam as rezes para o matadouro—para o matar...

Mas José Estevão não podia repudiar, com a mesma aversão, os heroes que se assignalam no campo do pensamento, melhorando as condições da existencia, tornando os homens mais felizes, porque elle foi a encarnação mais pura, mais viva, mais authentica d'esse heroismo.[11]

Que são, com effeito, os heroes da antiguidade, Annibal, Cesar, Napoleão, comparados com os heroes do nosso tempo, com os Berthelot, com os Pasteur, com os Victor Hugo, com os Curie, com os Edison, com os Darwin, com os Herbert Spencer, com todos os bemfeitores da humanidade, emfim?

Heroe, n'esta accepção, é synonymo de soberania moral e intellectual. E foi esta soberania que José Estevão exerceu na sociedade portugueza e que o fez entrar na immortalidade da historia.

«A supremacia moral é o unico poder verdadeiro. Os caracteres superiores e os superiores talentos são aquelles que têm tanta perspicacia para conhecer a verdade, como força para propugnar por ella.»

A psychologia de José Estevão

Não nos precipitemos, porém.

Para bem penetrar a psychologia de um homem celebre, torna-se mister averiguar, inquirir, investigar o meio em que se desenvolveram as suas faculdades, em que se expandiu a sua acção moral e social.

José Estevão nasceu em Aveiro.

Quantas vezes, na sua predilecta Costa Nova do Prado, o mar, na sua immensidade, na sua grandeza, na sua magestade, o mar gigante e indomavel, provocando a nostalgia de mundos infinitos, lhe não teria suggestionado alguns dos mais bellos pensamentos dos seus discursos emocionantes? Quantas vezes não teria comparado o oceano com as grandes revoluções da historia, pelo seu correr impetuoso, pelo seu rugir leonino? E,

quantas vezes, o não teria cotejado com a humanidade, quer nas horas de bonança, quer nas horas terríveis em que a onda galga o rochedo e invade, alterosa, a praia, como protesto contra a intrusão dos homens, e que é a perfeita imagem das horas trágicas da insurreição, que para os povos calcados, pisados e escravizados representa um direito, muitas vezes um dever, e, algumas vezes também, uma necessidade.

José Estevão nasceu em Aveiro.

E, assim como a população dos centros industriais é naturalmente propensa às ideias socialistas, a população das terras marítimas é naturalmente propensa às ideias republicanas, talvez pela independência que só a natureza pôde dar.

Sempre me hei de lembrar que encontrei nos pescadores de Aveiro os meus primeiros adeptos e nunca esquecerei a galhardia, o garbo, a intrepidez com que os vi marchar, através as ruas de Lisboa, no cortejo^[12] cívico do tri-centenário de Camões, ladeando o carro do *Commercio e Industria*.

Foi um passeio triumphal que lhes preparei que redundou n'uma immensa apothose, apothose romana, a Aveiro e aos aveirenses.

O pescador e o mineiro são para mim as duas entidades mais sympathicas e que mais me enternecem.

É preciso ter descido a uma mina, como eu descí, na Belgica, para se avaliar o que representa em esforço, em sacrificio, em abnegação, em heroismo, a vida do mineiro.

N'uma especie de ascensor, improvisado com taboas e cordas, descí trezentos metros abaixo do solo—a altura da Torre Eiffel, de Paris. As galerias são percorridas pelos wagonetes que assentam em *rails* n'uma extensão de muitos kilometros. O mineiro, mascando o carvão para illudir a propria fome, está ordinariamente de costas, com a lanterna cingida á testa ou ao ventre, de picareta em punho, para melhor poder extrahir o minerio. Os trabalhadores formam dois turnos: um que desce ás 6 da manhã e sóbe ás 6 da tarde, e outro que desce ás 6 da tarde e sóbe ás 6 da manhã.

E tal é o terror que os domina, ao descerem aos poços, que a muitos vi eu, com espanto, persignarem-se e benzerem-se, como quem se despede da luz e não tenciona mais regressar.

São escolhidos de preferencia os celibatarios. Até as alegrias da familia lhes são defesas! E quantos não vão encontrar a cegueira, e quantos não vão encontrar a mais affrontosa das mortes n'aquellas catacumbas immensas!

E, ao passo que as companhias mineiras dão aos seus accionistas 20, 30, 40 e 50 por cento de dividendo, o mineiro ganha o indispensavel para não morrer de fome. Alli, constatei, como tinha igualmente constatado na Bolsa de Berlim, vasta *menagerie* de feras ambiciosas, quanto o socialismo tem uma razão logica de ser. Permitti, senhores, que exclame, com Paulo Luiz Courier: *Ó grandes da terra, olhae para o que se passa e tende juizo se podeis!*

Do pescador, nada vos direi, porque todos vós conheceis a sua temeridade e o seu arrojo, expondo a vida com a serenidade dos grandes heroes, para alimentarem os seus semelhantes.

Ainda por occasião do cortejo civico do tri-centenario de Camões, Ramalho Ortigão, na occasião em que se organisava a procissão, no Terreiro do Paço, tomando-me do braço, levou-me a vêr o que elle chamava os seus pescadores, os povoeiros, os pescadores da Povia de Varzim, e indicando-me um, disse-me: este salvou seis vidas. Tinha o^[13] peito coberto de medalhas, como os generaes famosos. Por meu turno, tomando-o tambem pelo braço, fui mostrar-lhe aquelles a que eu chamava os meus pescadores, os pescadores de Aveiro, e indicando-lhe um, accrescentei: este salvou 12 vidas. Não tinha uma unica medalha ao peito. Bem se via que era da patria de José Estevão!

José Estevão bebeu no berço o leite da liberdade, se assim me posso exprimir; e, chegado á idade da razão, acompanhou em espirito a mais cosmopolita de todas as revoluções—a revolução de 1848.

Um seu e meu dilecto amigo, José Elias Garcia, alludindo ao facto, disse-me um dia: «Quando esse movimento, que tantas esperanças havia alimentado, fracassou em França, houve alguém que chorou em Portugal. Esse alguém fui eu.»

Nenhuma revolução logrou, com effeito, como esta, apaixonar e commover os espiritos, pelo seu sentimentalismo idealista e humanitario.

O socialista

O sentimento de então transformou-se, porém, n'uma realidade positiva, moral e humana que hoje asserberba o mundo e ameaça abalar a sociedade pelos alicerces, tendo invadido até as espheras governamentaes.

Lloyd George, um digno continuador de Lincoln, o rachador de lenha, que, pelos proprios meritos, chegou á presidencia da Republica dos Estados Unidos da America, ao apresentar o seu orçamento á Camara dos Commons, exclamou: «Que ninguem se illuda! O meu orçamento é um orçamento de guerra, de guerra contra o pauperismo que todo o governo tem obrigação de attenuar, senão de extinguir.» N'um *meeting*, em Londres, onde me foi dado ouvil-o, confirmou esta phrase e accrescentou: «É uma guerra entre os que possuem e os que não possuem, entre o rico e o pobre, uma guerra entre a democracia socialista e a oligarchia financeira, entre o pacifismo e o imperialismo, entre o proteccionismo e o livre cambismo, entre a Inglaterra do passado, com todos os seus vicios, e a revolução no sentido governmental da palavra. É preciso fazer desaparecer, em nome da civilização, os contrastes que envergonham uma cidade como Londres. Ao passo que, no primeiro hotel da cidade, no *Cecil Hotel*, se banqueteiavam todas as noites, em festins romanos, os *lords*, os fidalgos, os burguezes, fazendo espumar o *Champagne* como as aguas da cataracta do Niagara, na trazeira do mesmo edificio que confina com o Tamisa centenares de vagabundos, de miseraveis, sem pão e sem trabalho,^[14] o que equivale a dizer sem patria, achegados uns aos outros, para receberem dos seus semelhantes o calor que o proprio sangue lhes não dá, cobrem o corpo com folhas de

jornaes, para não morrerem inteiramente gelados. Qualquer *lord*, que é a expressão da ociosidade e do parasitarismo, não vale uma unica das minhas medidas!»

Quando cheguei a Londres, Kropotkine disse-me: «A Inglaterra é o paiz mais supersticioso do mundo. Estando em Brighton, e chovendo ligeiramente, abri o meu chapéu de chuva. Das janellas de uma casa para a qual eu me dirigia, duas meninas gritaram angustiosamente: Feche o chapéu, sr. Kropotkine! Obedeci automaticamente. Mas, perguntando depois o motivo de tal afflicção, ellas responderam-me: Ora essa! Pois não sabe? Entrar n'uma casa com o guarda-chuva aberto é morte certa.»

No fundo de cada inglez ha um pastor protestante, como no fundo de cada francez ha um pequeno Napoleão, como no fundo de cada hespanhol ha um D. Quixote, como no fundo de cada portuguez ha um frade. A Inglaterra é um mixto de tradição medieval e de progresso moderno. O socialismo quer e procura emancipal-a dos vicios do passado. E são o partido do trabalho, o syndicalismo operario, as sociedades eticas, por sobre as quaes paira o espirito de Herbert Spencer, que se impõem pela sua grandeza moral. É o quarto estado que surge com as suas legiões de trabalhadores, para, á semelhança do Mazzanielo napolitano, reclamar os seus direitos, isto é, o logar que lhe compete n'uma sociedade organizada. É um velho mundo que desaba e uma aurora que se ergue, radiosa, sobre as ruinas do passado!

«Não ha nações morgadas nem familias morgadas—disse José Estevão.—A humanidade não cabe no mundo com o seu numero e com as suas aspirações. E esta verdade, que se tornou experimental, tornou impossivel a existencia da propriedade territorial, inculta e abandonada, quer pelas mãos dos individuos, quer pelas mãos dos povos. O trabalho é o principio e o complemento de todo o direito de possuir.»

E era de vêr o ardor com que elle combatia os impostos indirectos: *«Detesto, acho repugnante, altamente injusto, radicalmente antidemocratico e desigual, o imposto indirecto.»*

Com respeito ás leis da usura: *«Se ellas estão revogadas pelos poderes da terra, ainda estão vigentes para as almas nobres, e eu hei de ser sempre anachronico nos sentimentos de indignação que voto á classe que trafica com a miseria e o suor dos seus semelhantes.»*

[15]O socialismo era para José Estevão *um progresso*. O seu apparecimento tornava-se *urgente*. *Utopia só podia ser o estacionamento!*—exclamou.

O democrata

José Estevão, estimulado pelas ideias humanitarias do seu tempo, fez parte do primeiro triumvirato republicano. As suas tendencias reflectiram-se na admiração que professava por Lamartine.

É mr. de Lamartine—dizia—*um poeta que carpiu as miserias da humanidade; que cantou as suas glorias; que excitou os seus melhores instinctos; que levantou a coragem dos povos; que acalmou as suas demasias; que, com a sua palavra, suspendeu as paixões*

revolucionarias da França; é n'esta composição moral e intellectual que, no meu presentimento, está o simulacro da fortuna politica e de todos os governos do mundo.»

O retrato foi feito por mão de mestre. Um episodio o demonstra. Um dia, o povo de Paris, como fera escapada da jaula do domador, pedia, defronte do palacio de Bourbon, a cabeça de Lamartine, o idolo da vespera.

—A cabeça de Lamartine! ella aqui está—exclamou o tribuno, assomando a uma das janellas, na sua figura erecta e principesca, com a sua sobrecasaca abotoada.

E aquella multidão, terrivel, colerica, ameaçadora, ante aquelle heroismo, bem superior ao heroismo dos campos de batalha, o heroismo que dá a serenidade, recuou, como vaga encapellada que se desfaz em espuma.

É da historia e da logica que todos os que marcham na vanguarda de um movimento politico ou social paguem com a vida o serviço prestado aos seus semelhantes. Todo o apostolado tem o seu calvario. E o martyrio que tem o seu baptismo de sangue é sempre o mais fecundo.

Em 1848 assignou com Oliveira Marreca—um santo que conheci e adorei—e Rodrigues Sampaio, um manifesto revolucionario que se destinava a fazer triumphar «*os principios democraticos, a causa das liberdades publicas e da emancipação dos povos.*»

Ainda aqui se nos revela José Estevão o precursor do movimento democratico, como se nos revelou precursor, nos seus monumentaes discursos do *Porto Pireu* e das *Irmãs da caridade*.

Na primeira d'estas orações, quando passa á historia da *ordem*—a ordem que forjou a espada organisadora de Nemrod; a ordem que fez de um almocreve arabe o chefe de uma religião; a ordem que compôz o balsamo de Ferrabraz; a ordem que fez as botas de Carlos XII, o chapéu de Henrique IV e o casaco de Napoleão—é simplesmente admiravel.

É um trecho eloquentissimo, unico no seu genero, pela elevação do conceito e energia da phrase, de uma rebeldia intensa, que Kropotkine assignaria com orgulho, pela ironia desdenhosa que revela e por todo um mundo de revolta que encerra.

O anti-clerical

José Estevão não queria as irmãs da caridade, porque as considerava uma violação das leis do reino, d'aquellas que tinham levado ao throno a sr.^a D. Maria II, que nunca capitulou, dentro da esphera do poder e das sympathias, com aquellas invasões surrateiras do poder ecclesiastico, que para ella eram suspeitas de serem contrarias ao poder representativo.

«Respeitemos essas leis,—dizia elle—porque vivemos por ellas. São as nossas leis, são o nosso coração, são a nossa vida, são a nossa historia.

Com essas leis no pensamento, entrámos sete mil perseguidos, sete mil expatriados, que tinham mais do que nós essas leis no pensamento, porque tinham visto n'essas congregações religiosas os instigadores e os conselheiros de uma tyrannia nefanda; porque tinham visto sahir d'essas casas ou corporações religiosas cohortes de testemunhas falsas que tinham ido aos tribunaes, para levantar com os processos judiciaes os patibulos d'onde deviam cahir as cabeças d'aquelles que ellas tinham marcado como nefastos ao seu predomínio...

É preciso que nos convençamos de que não podemos salvar os objectos que veneramos, se não reunirmos todas as nossas forças constitucionaes e moraes, para desfazermos e contrariarmos as intrigas e os embustes, pelos quaes se quer repor outra vez no seu throno e predomínio estas instituições que nós combatemos, destruimos e desfizemos.

Taes instituições, pelas riquezas e influencias de familia, tornam-se nefastas aos poderes do Estado e ao exercicio das liberdades publicas.

«Sou inimigo das irmãs da caridade,—dizia—porque as considero como um ataque ao principio de familia; e a caridade attribuida a uma^[17] certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tratar dos enfermos nos differentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus.

«Não se queima só, queimando as carnes, carbonisando os ossos; queima-se apartando do coração, desfazendo e levando para longinquas paragens o que elle tem de mais caro.

«Sr. presidente, isto não é questão de irmãs da caridade, estão enganados; é mais alguma coisa, é a questão das ordens religiosas; é a sua elevação ao estado primitivo.»

O espirito catholico congreganista é adverso aos principios liberaes e por isso carece de ser vigiado de perto. As irmãs da caridade são uma emanção do espirito jesuitico e em volta d'essa congregação juntaram-se todas essas ideias que ficaram desbaratadas e destruidas pela perseguição que se fez a essa instituição. A religiosidade, no sentido que lhe dão os theologos, não dispensa o culto externo; e o culto externo das irmãs da caridade é pouco consentaneo com as formas, com os costumes e com as prevenções da auctoridade civil.

Foi justamente para provar que a mulher portugueza era tão boa ou melhor educadora que as irmãs de caridade francezas, expulsas do nosso paiz, graças ao seu formidavel libello, que José Estevão fundou o Asylo de S. João, com sede em Lisboa e Porto e que com muito prazer nos é dado representar n'este lugar.

O que pedem os liberaes?

O rigoroso cumprimento dos decretos que não foram revogados: de Pombal que expulsou os jesuitas; de Joaquim Antonio de Aguiar que dissolveu as congregações religiosas e de Loulé e Braancamp relativo ás irmãs da caridade.

Pedem a revogação do decreto de abril de 1901 (Hintze Ribeiro) que, proibindo o noviciado e a clausura, dá, todavia, existencia legal ás congregações religiosas, desde que se trate de ensino e beneficencia que são precisamente as duas armas mais perigosas de que o clericalismo usa e abusa a seu talante e por causa das quaes foi expulso de França.

A natureza offerece-nos universalmente um espectáculo desolador: a força triumphante. Mas o homem, sahido da longa evolução dos seres organisados, concebeu a noção da justiça e experimentou os transportes do amor, não do amor que se manifesta no calor do sol,^[18] no perfume das flôres, no brilho das estrellas, no murmurio das aguas, no crescimento das arvores, mas do amor que se revela nos individuos, nas classes e nos povos solidarios.

Brada-se a cada passo, clamei eu ha dias n'uma reunião, contra os bandos de mendigos, de vadios, de miseraveis, de analphabetos, que enxameiam, pelas ruas das grandes cidades, como se a culpa fosse d'elles, filhos espurios de uma sociedade madrasta. A culpa é toda nossa; a culpa é do egoismo colectivo. A vagabundagem, a mendicidade não se evita com a repressão, com as casas de correcção, com a esquadra policial. Evita-se e corrige-se com as casas de trabalho, com as colonias agricolas, com as crèches, com escolas, como as nossas escolas liberaes e com asylos, como o Asylo de S. João.

A estas manifestações de amor, chama-se solidariedade, que póde resumir-se n'esta palavra de ordem: viver para os seus semelhantes.

A Maçonaria Portuguesa

E, aqui, permitta-nos a assembleia que o Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa preste uma homenagem calorosa, ardente e enternecida a quem tão alevantadamente a representou, a quem tão alevantadamente manteve o seu prestigio e o seu renome. E que ninguem se assuste! Muitas vezes vos terão dito, Senhoras, que a Maçonaria é uma sociedade de malfeitores.

Se ser malfeitor é amar a humanidade, ouvir a voz da natureza que nos brada: Todos os homens são irmãos, todos constituem uma unica familia; se ser malfeitor é fazer o bem pelo amor do proprio bem e escutar a voz da consciencia; se ser malfeitor é amar a verdade, praticar a justiça, e proceder com rectidão; se ser malfeitor é obedecer á razão, esclarecida pela sciencia; se ser malfeitor é amar os bons, fugir dos maus, mas não odiar ninguem; se ser malfeitor é ser progressivo; se ser malfeitor é ser tolerante, regosijarmos com a justiça e insurgirmo-nos contra a violencia e a iniquidade; se ser malfeitor é accender essa immensa fogueira a que se chama a escola; se ser malfeitor é arrancar uma faisca de cada syllaba soletrada; se ser malfeitor é desenvolver o cerebro da creança pela instrucção; se ser malfeitor é formar o character pela educação; se ser malfeitor é combater o prejuizo, o preconceito, o fanatismo, a superstição, o erro e a mentira; se ser malfeitor é viver para os nossos semelhantes; se ser malfeitor é moralisar pelo exemplo; nós, os maçons, reivindicamos, com orgulho, esse titulo de honra.

[19] José Estevão que, na *Flecha dos mortos*, como Baudin na barricada de Paris, affrontou as balas inimigas com bravura epica, José Estevão, soldado e tribuno, foi Grão-Mestre da Maçonaria portugueza, como o foi o general Gomes Freire de Andrade, enforcado na explanada da Torre de S. Julião da Barra, por ter commettido o enorme crime de ser portuguez n'um momento em que muitos eram inglezes. Umhas modestas flores solitarias, cultivadas por mão amiga, á maneira das cruces de madeira que o viandante encontra nas estradas desertas, attestam que n'aquelle logar se matou um homem. José Estevão foi Grão-Mestre, como o foi o duque de Loulé, como o foi José da Silva Mendes Leal, como o foram o conde de Paraty, o conde Valbom, o visconde de Ouguella, Bernardino Machado, o coronel Ferreira de Castro e o Conde das Antas; como o foi o illustre professor Antonio Augusto de Aguiar; como o foi o mallogrado chefe republicano José Elias Garcia, cujo enterro representou a apothese de todos os que aspiram a uma patria livre; como foi Grão Mestre o rei Eduardo, de Inglaterra, e, como o é actualmente, o duque de Connaught, seu irmão; como foi Grão-Mestre o rei Oscar, da Suecia; como o foram José da Silva Carvalho e Passos Manuel; como o foram os imperadores Guilherme I e Frederico, da Allemanha, e, como o é ainda hoje, por intermedio do seu representante, o imperador Guilherme II; como foram maçons os patriotas de 1820.

Um professor da Universidade Livre de Bruxellas, n'um livro recente sobre *Politica internacional*, affirma que a grande revolução de 89 não teria tido logar se não fosse a Maçonaria. Mirabeau, S.^t Just, Sieyès, Camillo Desmoulins, Lafayette, Danton, Boissy d'Anglas foram maçons. Diderot pertenceu á Loja dos *Nove Irmãos*, de onde sahiu a *Declaração dos direitos do homem*. Foi maçõn o sabio Littré, que, sendo iniciado na loja da *Clemente Amité*, tomou como divisa: «O principal dever do homem para consigo mesmo é instruir-se; o principal dever do homem para com os seus semelhantes é instruil-os.»

Por toda a parte se accentua uma tendencia para um fim determinado: a unidade espirital da humanidade. Apparentemente separados, os espiritos criam e desenvolvem a consciencia da sua unidade. Apesar de não dependerem uns dos outros, encontram-se todavia, ligados por afinidades espirituaes, descendentes de uma mesma raça ou cidadãos de um mesmo Estado.

Para os que conhecem os signaes do tempo, não são os Estados nacionaes que representam as unidades economicas predominantes, nem são tambem os systemas religiosos que levam os homens a fraternisar[20] uns com os outros: é a vida mundial á qual está cada vez mais subordinado o trabalho de cada individuo e de cada Estado; é a ideia de uma humanidade harmonica; é o internacionalismo que se revela como o culto do futuro. E a unica instituição que, através todas as perseguições e todas as vicissitudes, se tem mantido com character universal, é a Maçonaria.

A mensagem de José Estevão, dirigida em 1862 ao povo maçõnico, é de uma actualidade palpitante e dir-se-hia escripta ha poucos dias e ha poucas horas—tal era a sua previsão!

«O que é a reacção que invadiu o nosso paiz senão um d'esses trabalhos insidiosos e solapados contra todos os grandes principios, porque a Maçonaria tem sempre combatido com tanta coragem e perseverança?»

«Esta fôrma de combater não é a que elles preferem. Adoptam-n'a por necessidade. Se lhe fôra possível n'um momento derrubar a obra da razão e da philosophia, não demoravam esta almejada catastrophe. Mas transigem com as circumstancias e adoptam o arbitrio de temporisar.

«Os inimigos, porém, são os mesmos. Os gritos de peleja são os que eram bradados em tempo de mais poder. Agora segredam-nos, mas exprimem as mesmas paixões, os mesmos intuitos. Ao som d'elles, foram ganhas execraveis batalhas contra os fóros da humanidade. Agora, com as mesmas evocações, são praguejados os seus progressos e embaraçada a sua marcha no caminho da perfeição.

«A Maçonaria deve acordar do seu lethargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas recordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, trahimos o juramento que prestámos, injuriamos a memoria dos irmãos, nossos passados, e usurpamos o titulo de maçons, porque o não é, porque não merece tal nome aquelle que é tardo em acudir pela defeza dos principios da sua ordem, aquelle que se cança na lucta e deixa as armas no campo.

«Cumpre á Maçonaria vigiar as praias da civilisação e ter bem policiados todos os signaes e precauções, para evitar aquelles enganos, desassustar a navegação, e tornar a viagem dos homens e das nações n'este mundo, mais certa, mais livre, mais virtuosa e mais honestamente aprazivel.»

Meus senhores: Escreveu Maximo Gorki que ha duas maneiras de viver: a putrefacção que é propria das almas egoistas e vis e a combustão que representa o calor, a vida e o movimento.

José Estevão viveu em plena combustão, e foi, em Portugal, não só o precursor do pacifismo, do socialismo, do movimento democratico,^[21] do anarchismo scientifico e philosophico, do anti-clericalismo, senão tambem a mais alta encarnação do genio latino, ao qual a humanidade deve o nascimento e o renascimento da civilisação; d'esse genio que irradia sobre o mundo e que todos os dias, no dizer de Anatole France, nos dá mais sciencia, mais liberdade, mais belleza, uma justiça mais justa e leis melhores; d'esse genio que não morreu ainda, nem morrerá nunca, como alguns erradamente supõem, porque tem na America a sua continuação e a sua immortalidade pela sua raça, pela sua historia, pela sua tradição, pela sua lingua, a verdadeira patria espiritual.

«Para o futuro—dizia—pertencerei decerto ao partido que começa a formar-se, que já está crescendo, que vive entre nós sem termos dado por tal, que nos inspira sem nós o sentirmos e que mesmo do berço dirige as coisas publicas e domina até os homens de mais forte vontade... Se este partido fosse obra dos homens ou a sua criação pudesse ser contrariada por elles, talvez se não fizesse; mas esta ordem de coisas surge, rebenta da situação.»

Muitos lhe chamaram Demosthenes, outros Cicero, outros Mirabeau. Nada mais absurdo do que estas comparações que attestam uma mentalidade inferior. Cada orador obedece ao seu temperamento e é filho das circumstancias em que a sua palavra tem de actuar. José Estevão foi, principalmente, um grande tribuno, porque sentia estuar-lhe nas veias o sangue quente do revoltado, sem o que não ha sabios, nem philosophos, nem

poetas, nem artistas. É com esta materia prima que se fabricam os heroes do nosso tempo.
In hoc signo vinces...

Se os paizes se caracterisam, em geral, pelos nomes dos seus homens celebres, dos seus immortaes:—a França, por Racine, por Corneille, por Molière, por Lamartine, por Gambetta; a Inglaterra, por Byron, Shakespeare e Gladstone; a Allemanha, por Schiller, Goethe, Mozart, Beethoven; a Italia, por Dante, Petrarca, Mazzini, Garibaldi; a Grecia, por Homero e Demosthenes; Roma, por Virgilio e Cicero; a Hungria, por Kossuth; a Hespanha, por Velasquez, Cervantes e Castelar, nós, proclamando Portugal, como a patria de José Estevão, teremos prestado á sua memoria a maior das consagrações, tornando-o um symbolo—um symbolo da patria livre e redimida, da liberdade victoriosa e da emancipação da consciencia portugueza.

E é, solidario n'esta aspiração, que eu, em nome do Grande Oriente Lusitano Unido, não só felicito e louvo os promotores d'este centenario, como tambem convido a assistencia a não esquecer esta data que se tornará uma data historica nos annaes das celebrações nacionaes.

Do mesmo auctor:

Miniaturas Romanticas

A Senhora Viscondessa (*romance*)

Costumes Madrilenos

A Questão do Banco Nacional Ultramarino

A Actualidade (*estudo economico social*)

Padres e Reis

O Papa perante o Seculo

Os Estados Unidos da Europa (*trad.*)

Revolta (*1.ª parte*)

Revolta (*2.ª parte*)

Pela Patria e pela Republica

O Socialismo na Europa

O Livro da Paz

O Primeiro de Maio

A Federação Iberica (*edição francesa*)

Paz e Arbitragem

O Federalismo

O Centenario no Estrangeiro (*conferencia*)

A Guerra e a Paz (*conferencia*)

A Obra Internacional (*edição portug. e franc.*)

O Congresso de Roma (*conferencia*)